



As várias funções do demoníaco e do sobrenatural em contos de Isaac Bashevis Singer

The Many Functions of the Démoniac and the Supernatural in Isaac Bashevis Singer's Short Stories

Juliana de Albuquerque*

University College Cork (UCC) | Cork, Irlanda

juliana.albuquerque@gmail.com

Resumo: Este artigo objetiva delinear algumas das funções que os demônios cumprem nos contos de Isaac Bashevis Singer. Para tanto, pretende-se analisar textos em que o demônio aparece ora como personagem, ora como narrador, em uma tentativa de compreender o que há de propriamente moderno na maneira como Bashevis Singer desenvolve a sua literatura a partir de uma apropriação de temas marcadamente pertencentes ao folclore judaico do leste europeu. Nos contos de Singer, encontramos desde demônios domésticos, que vivem atrás do fogão ou da lareira, a pregar peças nos moradores de uma determinada residência, a personagens que se fingem de demônio para satisfazer os seus próprios desejos ou, até mesmo, demônios que se apoderam da pena do escritor para contar histórias relativas à destruição, no século XX, da vida dos judeus da Polônia, terra natal de Bashevis Singer.

Palavras-chave: Demônios. Religião e folclore judaicos. Literatura ídiche.

Abstract: This article aims at discussing some of the functions that demons and other supernatural beings have in the short stories of Isaac Bashevis Singer. It examines texts by Singer in which the demon appears either as a character or as narrator in an attempt to clarify what is precisely modern in Singer's literary approach to the folklore of the Jews from Eastern Europe. In the stories by Singer we find *dybbukim*, imps and domestic demons who live behind the stove, people who pretend to be demons in order to have their way in life, and also actual demons who take charge of the writer's pen to tell stories related to the destruction of the Polish Jews in the 20th century.

Keywords: Demons. Jewish Religion and Folklore. Yiddish Literature.

1 Considerações gerais sobre o demoníaco e o sobrenatural no folclore judaico do leste europeu

Demônios, espíritos, possessões e eventos sobrenaturais estão entre alguns dos mais antigos temas da literatura judaica. Na Antiguidade, encontramos referências ao

* Escritora, Doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork.



demoníaco e ao sobrenatural na Tanakh,¹ no Talmud² e em *Antiquitates Judaicae* (ca. 94 EC), do historiador Flávio Josefo.³ Enquanto, na Idade Média, tais referências remetem-nos aos escritos dos cabalistas de Safed,⁴ bem como ao *Sefer Hasidim*,⁵ cujas origens remontam ao século XIII, e ao *Mayse Buch* (1602).⁶

Já na literatura ídiche do século XX, encontramos alusões ao sobrenatural em obras como *Dybbuk: Entre Dois Mundos* (1918), de S. An-sky, e nos contos de Isaac Bashevis Singer em que nos deparamos com seres tradicionalmente pertencentes à demonologia judaica – e.g., Asmodemus, Belial, Ketev Miriri, Lilith – e com uma série de outras criaturas sobrenaturais, como *dybbukim* e espíritos zombeteiros.⁷

Em *Jewish Magic and Superstition* (1939), Joshua Trachtenberg tece algumas considerações sobre a gênese e a evolução da demonologia judaica, da antiguidade à idade média, ressaltando que, com o tempo, a preocupação com demônios e criaturas sobrenaturais tornou-se uma espécie de marca registrada do folclore dos judeus do leste da Europa.

E, se por um lado, a partir da Idade Média, relatos sobre o demoníaco e casos de possessões encontravam amparo nas teorias cabalistas sobre a transmigração das almas [*gilgul*], por outro, como bem apontam os estudos sobre o *Sefer Hasidim*,⁸ eles também denunciam uma influência, ainda que inconsciente, de crenças pagãs e de hábitos religiosos cristãos típicos da região.⁹

Assim, percebe-se, por exemplo, que algumas dessas narrativas folclóricas apelam ou para certo animismo – pois, os demônios e espíritos malignos [*ruachot ha'raachot*] estariam por toda a parte, abrigados em animais e em coisas, apenas aguardando uma oportunidade de negligenciarmos os nossos rituais de asseio (e.g., lavagem das mãos

¹ 1 Sm 16:14.

² Talmud Bavli: Gittin 68a.

³ JOSEPHUS, 1950, VIII. 42-49, p. 595.

⁴ FAIERSTEIN, 2011, p.94-103. Em seu artigo, Faierstein alega que uma das histórias do *Mayse Buch* teria sido baseada em carta de 1571, escrita por um dos discípulos originais de Isaac Luria, R. Elias Falco.

⁵ TRACHTENBERG, 1939, p. 36.

⁶ FAIERSTEIN, 2011, p. 95-96.

⁷ Aqui vale ressaltar que An-sky e Singer se apropriam de elementos do folclore judaico de maneiras distintas (Cf. GOTTESMAN, 2021, p. 167).

⁸ WEISSMAN, 2020, p. 176-177.

⁹ Sobre a hipótese de influência pagã e de absorção de elementos do cristianismo pelo folclore e a mística judaica, especialmente pelo movimento hassídico que se desenvolveu na Alemanha medieval (Cf. SCHOLEM, 1995, p. 83-84).



e imersão na *mikve*) para aderirem aos nossos corpos – ou para concepções ascéticas e punições extramundanas que contradizem os ensinamentos do judaísmo rabínico.¹⁰

É a partir da leitura de um estudioso como Trachtenberg que percebemos a minúcia com a qual Singer retrata o demoníaco em suas obras, revelando-se um profundo conhecedor do misticismo e do folclore judaicos da sua terra natal.

Nascido em 1903, na região de Lublin, na Polônia, Singer é filho e neto de rabinos. O seu pai, Pinchos Menachem Zynger, frequentou a corte do rabino de Radzymin, Yaakov Aryeh Guterman, fundador de importante dinastia hassídica. Já o avô materno de Singer, Jacob Mordecai Zilberman, era um *mitnaged*, ou seja, um judeu esclarecido, que atuou como rabino na cidade de Bilgoraj.¹¹

Durante boa parte da sua infância e juventude, Singer conviveu no meio hassídico e a importância dessa experiência na formação do escritor faz-se evidente em seus textos à medida que eles apresentam reflexões sobre temas intimamente relacionados à religião e ao misticismo judaicos, bem como à experiência dos judeus do leste europeu no século vinte.

Já no primeiro volume de suas memórias, *My father's Court* (1956), Singer comenta sobre a centralidade desses temas na sua escrita, a ressaltar como a sua imaginação se desenvolveu a partir das tensões vividas em ambiente doméstico, com relação ao modo que o casamento dos seus pais aparentava ser uma espécie de manifestação do embate entre o racionalismo característico dos *mitnagedim*, representado pela figura da sua mãe, Batsheva, e a fidelidade à tradição própria dos *hassidim*, encarnada por seu pai.¹²

Nesse mesmo sentido, as memórias de Singer também apontam para dois outros elementos que contribuem para a sua formação enquanto escritor; a constituir uma espécie de imaginação pendular, ou seja, que tende a alternar entre duas influências diametralmente opostas. O primeiro desses elementos é a influência do seu irmão mais velho e escritor em língua iídiche, Israel Joshua Singer, que ainda bastante jovem abandonou a ortodoxia por um estilo de vida secular. O último é a sua convivência com as mulheres da família materna em Bilgoraj e com a gente simples de Varsóvia que frequentava a corte rabínica do seu pai, de quem costumava ouvir histórias do sobrenatural.¹³

¹⁰ Esses dois elementos marcam presença na obra de Singer, principalmente no romance *Satan in Goray* (1933) em que a negligência com relação ao banho ritual, bem como o autoflagelo e outras práticas penitencias extremas são tematizados pelo narrador a evidenciar os diversos estágios do delírio messiânico experienciado pela população da cidadezinha de Goray.

¹¹ KRESH, 1979, p. 16-22.

¹² SINGER, 1966, p. 11-16.

¹³ SINGER; BURGIN, 1985, p. 29-31.



Tudo isso contribui para que o leitor de Bashevis Singer se aperceba de que, ao se apropriar dos demônios do folclore judaico, o autor não estava simplesmente interessado em colecionar causos e narrativas do mesmo modo que Martin Buber o fizera em *A Lenda do Baal Shem* ao relatar histórias sobre Eliezer ben Israel, o fundador do hassidismo, apenas com o interesse de preservá-las, sem necessariamente acrescentar novos elementos estilísticos e imaginativos.¹⁴ Pois, para além dos aspectos folclóricos e memorialísticos, a partir dos quais podemos dizer que Singer nos permite vislumbrar um pouco do que era a vida dos judeus poloneses antes da sua destruição durante o Holocausto; os seus contos são, em verdade, tentativas de releitura do folclore judaico a partir de uma perspectiva moderna em que criaturas e eventos sobrenaturais podem ser considerados, seja como parte do tecido que compõe o universo habitado pelas personagens de Singer, seja como metáforas referentes a fenômenos psicológicos ou ainda como sintomas de traumas sociais a partir dos quais o autor se posiciona como crítico da tradição.

É nesse sentido que afirma o estudioso Itzik Gottesman que:

Bashevi's use of Jewish folklore has become one of the identifying features of his fiction. Demons and devils are integral components of Bashevis's novels and short stories, and in his own words '[using them] helps me to express myself' because they represent the ways of the world." They are symbolic, bearing a considerable interpretative burden, and cannot be dismissed as simply gratuitous display of Jewish superstition or belief, whether the interpretation of the work in which they appear leans towards parable, politics, psychology, or anything else.¹⁵

Portanto, ao se abordar a questão do demoníaco na obra de Bashevis Singer, faz-se necessário ter em mente que, nas criações do autor, estamos todo tempo a vislumbrar o conflito entre tradição e modernidade; típico de escritores modernistas.

Singer pode não ter sido um modernista ao estilo de Franz Kafka, célebre por transformar o *storytelling* e a própria linguagem em problema, e de quem o autor sempre procura se distanciar.¹⁶ No entanto, como bem explica Gottesman o nosso autor é, sim, um modernista dentro do contexto da literatura ídiche, pois Bashevis Singer se coloca de modo crítico perante uma tradição literária que enfatiza a comunidade em detrimento do indivíduo.¹⁷ Além disto, se fizemos uso dos mesmos critérios utilizados

¹⁴ BUBER, 2002, p. viii, x.

¹⁵ GOTTESMAN, 2021, p. 163.

¹⁶ SINGER e BURGIN, 1985, p. 28-29.

¹⁷ GOTTESMAN, 2021, p. 165. Quem também escreve sobre a conturbada relação entre Singer e a tradicional literatura ídiche, é Eli Katz em "Isaac Bashevis Singer and the Classical Yiddish



por Robert Alter para caracterizar o modernismo com relação à literatura canônica e, principalmente, com relação às escrituras, percebemos que, enquanto reflexos da sua imaginação pendular, os textos de Singer são inquestionavelmente representativos daquele mesmo amálgama modernista caracterizado por Alter como sendo uma espécie de fusão de tendências iconoclastas e tradicionalistas.¹⁸

O presente artigo tem por objetivo delinear algumas das funções que os demônios e as criaturas sobrenaturais cumprem nos contos de Isaac Bashevis Singer. Para tanto, serão analisados dois textos em que o demônio aparece seja como personagem, seja como narrador, em uma tentativa de compreender o que há de propriamente moderno na maneira como Bashevis Singer desenvolve a sua literatura a partir de uma apropriação de temas marcadamente pertencentes ao folclore judaico do leste europeu.

Nos contos de Singer, encontramos desde (1) demônios domésticos, que vivem atrás do fogão ou da lareira, a pregar peças nos moradores de uma determinada residência; (2) a personagens que se fingem de demônio para satisfazer os seus próprios desejos ou, até mesmo, (3) demônios que se apoderam da pena do escritor para contar histórias relativas à destruição, no século XX, da vida dos judeus da Polônia, terra natal de Bashevis Singer.

Neste trabalho, levaremos em consideração as narrativas que tratam do demônio seja enquanto personagem, seja enquanto narrador. Para tanto, serão analisados os seguintes contos: “Taibele and Her Demon” e “The Last Demon”.

2 O demônio enquanto personagem: “Taibele and her demon”

Haja visto que foi comentado na seção anterior de que na obra de Singer o demoníaco e o sobrenatural extrapolam o mero interesse memorialístico e folclórico para atuar como metáfora de fenômenos psicológicos de ordem individual ou, até mesmo, coletiva, a fazer com que os seus leitores tomem ciência do sofrimento humano ao qual os judeus do leste europeu estiveram expostos; passemos então a análise de um dos textos em que os demônios surgem como personagens na obra de Singer.

Para o nosso autor os demônios são representações do comportamento humano a partir das quais vislumbramos os vários impulsos que informam as nossas atitudes enquanto indivíduos e membros de uma comunidade.

Tradition” (1969): “Whatever the historic or sentimental bonds between Singer the man and the Jew shares with the Yiddish reading public, the gulf between his literary premisses and their expectations is vast... The readers of classical Yiddish literature were conditioned to find in their reading indications of a rational world of progress, hope, and brotherly assistance, and the unmistakable assurance of the authors’ adherence to these values. Singer describes instead an irrational, asocial universe where, as often as not, as one writer has said, the devil as the last word.” (p. 24)

¹⁸ ALTER, 2000, p. 9.



Assim, em artigo sobre o papel da mística na narrativa de Isaac Bashevis Singer, David Stromberg argumenta que, para o autor, o demônio é o próprio homem, pois a sua existência depende da nossa:

It appears that, for Singer, demons exist because we exist – or, rather, if we exist, then so do demons. Demons constitute a way of talking about the aspects of our experience that are difficult to grasp or to put into words, but that nevertheless influence us in this world.¹⁹

No universo retratado por Singer, isto é, no ambiente tradicionalmente hassídico em que a maioria dos seus personagens estão inseridos, a sexualidade se apresenta como uma das experiências mais difíceis de articulação. Isto se constata a partir da leitura de vários contos do autor, ao exemplo de “A crown of feathers” – em que a protagonista é possuída por um *dybbuk* a partir do momento em que a sua mão é dada em casamento – ou mesmo de romances como *Satan in Goray* (1933), em que a possessão de uma das personagens, Rachele, aparenta refletir o trauma e o isolamento característicos da vítima de abuso sexual.

Isso posto, um dos contos que melhor desenvolve o posicionamento do autor com relação ao demoníaco talvez seja “Taibele and her demon”, pois é nele em que Singer deixa mais do que claro como o ser humano tende a incorporar o demoníaco para criar coragem de atuar sobre os seus impulsos e mais íntimos desejos.

Nesse conto, o demônio nada mais é do que um homem, Alchonon, que finge ser uma criatura do *sitra ahrah* para conseguir deitar-se com Taibele, uma mulher da sua comunidade que havia sido abandonada pelo marido.

Em uma noite de lua nova, Taibele se reúne com as amigas da vizinhança para conversar. Entusiasmada com a leitura de um livro que comprou de um mascate, ela relata o caso de uma mulher e de um demônio que viviam juntos como se fossem um casal.

Enquanto as mulheres discutem o caso entre si, Alchonon, que estava viúvo há cinco anos e nutria sentimentos por Taibele, escuta a conversa por acaso e resolve armar um plano. Assim que as mulheres se despedem, ele entra escondido no quintal de Taibele e espera até que ela se recolha. Quando Taibele está finalmente deitada e está prestes a cair no sono, Alchonon se despe por inteiro e entra no quarto. Ao se deparar com a silhueta desconhecida, a mulher leva um susto, pergunta de quem se trata e recebe a seguinte resposta:

“Don’t scream Taibele. If you cry out, I will destroy you. I am the demon Hurmizah, ruler over darkness, rain, hail, thunder, and wild beasts. I am the evil spirit who espoused the young woman

¹⁹ STROMBERG, 2020, p. 96.



you spoke about tonight. And because you told the story with such relish, I heard your words from the abyss and was filled with lust for your body.”²⁰

Hurmizah é bem-sucedido em sua conquista de Taibele e, a partir de então, passa a visitar a mulher nas noites de quarta-feira e de shabat: “For those were the nights when the unholy ones were abroad in the world.”²¹

Aqui, portanto, vale ressaltar que o calendário das visitas de Hurmizah não é aleatório, pois, no folclore judaico da região, as noites de véspera de quarta-feira e de sábado são momentos em que os demônios estariam à solta no mundo dos vivos.²² Assim, os dias da semana escolhidos por Alchonon não somente emprestam autenticidade à sua persona demoníaca como, também, revelam o profundo conhecimento de Singer sobre as crenças da população que ele retrata em suas obras. Tema sobre o qual voltarei a discorrer na próxima seção deste artigo, pois está intimamente relacionado à questão do demônio enquanto narrador.

À medida que o tempo passa, Taibele e Hurmizah sentem-se cada vez mais envolvidos um com o outro, e a mulher constata que o seu demônio tem corpo de homem, bem como fraquezas e contradições típicas de qualquer ser humano. Certa noite, quando Alchonon está ardendo em febre, ele tem medo de que Taibele insista em lhe prestar socorro e descubra que tudo não passava de uma farça:

But Taibele neither probed nor wished to probe too closely. She had long discovered that a devil had all the habits and frailties of a man. Hurmizah perspired, sneezed, hiccuped, yawned. His body felt like the body of her husband, bony and hairy, with an Adam’s apple and a navel. At times, Hurmizah was in a jocular mood, at other times a sigh broke from him. His feet were not goose feet, but human, with nails and frost-blisters.²³

Esse e outros comentários do narrador deixam claro que Taibele não era tão ingênua quanto Alchonon supôs ao tentar enganá-la. Além das alterações de humor e das características físicas de Hurmizah, ambas reveladoras da sua humanidade, Taibele nota que o diabo se contradiz ou até mesmo esquece de detalhes das histórias que conta, tornando-se cada vez mais desleixado enquanto ao seu disfarce. Exemplo disto

²⁰ SINGER, 2004b, p. 335.

²¹ SINGER, 2004b, p. 336.

²² Em *Jewish Magic and Superstition* (1939), ao comentar sobre crenças relativas aos ataques por demônios, Joshua Trachtenberg esclarece: “Great as the danger was every night of the week, on two nights especially was it heightened – the eves of Wednesday and Saturday. At these times hordes of peculiarly devastating spirits were let loose upon the world.” (p. 47)

²³ SINGER, 2004b, p. 341.



ocorre durante a última visita de Hurmizah, quando Alchonon já estava bastante doente e Taibele percebe que ele usa a porta para deixar a casa:

Taibele lay silent, listening to his movements in the hallway. He had sworn to her that he flew out of the window even when it was closed and sealed, but she heard the door creak.²⁴

Em nenhum momento, porém, Taibele resolve ir atrás do amante. Ora, para ela fazia muito mais sentido acreditar no demônio do que voltar a levar a mesma vida solitária que passou a ter desde as mortes dos filhos pequenos e do desaparecimento do marido, pois somente assim ela teria com quem passar as noites e sentir-se amada.

Para além da fantasia compartilhada por ambos, Taibele jamais poderia dividir o mesmo teto com Alchonon, pois o seu marido havia partido sem deixar rastro, impedindo-a de obter a sua assinatura e, conseqüentemente, o divórcio segundo a lei judaica.

Alchonon sempre soube disso e o narrador deixa claro no decorrer da história, que o personagem era simpático à Taibele e parecia se importar com o seu destino. Assim, por exemplo, na segunda parte do conto, ao descrever o cotidiano de Alchonon, o narrador relata que:

Not far from Taibele's store there was a well, and Alchonon came there many times a day, to draw a pail of water or to take a drink, spilling the water over his red beard. At these times, he would throw a quick glance at Taibele. *Taibele pitied him: why was the man knowing about all by himself? And Alchonon would say to himself each time: "Woe, Taibele, if you knew the truth! ..."*.²⁵

De diferentes maneiras, Taibele e Alchonon representam elementos marginais dentro daquela comunidade. Taibele, por ser uma mulher deserdada e sem filhos, a ter de lidar com a solidão à qual havia sido condenada pelo tradicionalismo do seu meio social. Já Alchonon, por ser pobre, viúvo e excêntrico, pois recusava-se a aceitar as ofertas de casamento que recebia, o que, por sua vez, levantava suspeitas sobre a sua conduta moral, sendo ele acusado de transformar-se em lobisomem e de perambular pela cidade durante a noite ou mesmo de manter relações sexuais com uma súcubos; o que terminava por manchar a sua reputação e prejudicar o seu trabalho, fazendo com que ele permanecesse na miséria.

Assim, os questionamentos de Alchonon citados anteriormente cumprem a função de ressaltar a sua identificação com Taibele, bem como o carinho que sente pela protagonista do conto, ao mesmo tempo em que evocam a possibilidade do que poderia acontecer se ela conhecesse a verdade. Porém, resta-nos a pergunta: A qual

²⁴ SINGER, 2004b, p. 342.

²⁵ SINGER, 2004b, p. 339.



verdade Alchonon se refere? Estaria Alchonon aludindo à fuga do marido de Taibele, aos sentimentos que ele tem por ela ou pura e simplesmente à real identidade do demônio Hurmizah?

A minha hipótese é a de que o narrador cria nesse trecho uma ambiguidade proposital, convidando-nos a refletir de modo mais amplo sobre os mecanismos de controle social que informam a situação das personagens, a impedir que elas possam usufruir de um mínimo grau de contentamento pessoal sem sentir a necessidade de apelar para a fuga, a fabulação e a mentira.

Essa mesma ambiguidade ocorre em três outros momentos do conto. Primeiro, quando Taibele tenta oferecer uma peça de tecido para Alchonon mandar costurar uma roupa nova. Aqui não fica claro se ela faz a oferta por se aperceber da identidade do amante. Segundo, quando ela vê que Hurmizah está muito doente e tenta lhe oferecer comida, ao que ele recusa.

Se juntarmos essas duas informações aos boatos que corriam soltos na cidadezinha sobre as atividades noturnas de Alchonon, bem como ao fato de que Taibele havia optado por acreditar na ilusão de que estava tendo um caso com um demônio, vemos que existe, sim, a possibilidade de a protagonista ter alguma ideia sobre a verdadeira identidade do amante.

Isso pode ser comprovado por intermédio da relação entre as duas cenas finais do conto. Quando Hurmizah visita Taibele pela última vez, Alchonon já está bastante doente e, ao se despedirem, a mulher se angustia e reza por sua saúde. Passada uma semana inteira sem que o demônio retorne ao quarto de Taibele, ela teme que tenha acontecido o pior. Nisso, ao deixar a casa pela manhã, ela se depara com o funeral de Alchonon e resolve acompanhar o cortejo até o cemitério. Lá, após o coveiro recitar o *kaddish*, a protagonista tem um lampejo:

A cry broke out from Taibele. This Alchonon had lived a lonely life, just as she did. Like her, he left no heirs. Yes, Alchonon the teacher's helper had danced his last dance. From Hurmizah's tales, Taibele knew that the deceased did not go straight to heaven. Every sin creates a devil, and these devils are man's children's after his death [...] There are secrets that the heart cannot reveal to the lips. They are carried to the grave.²⁶

O que torna “Taibele e o seu demônio” um texto central para o entendimento de como funciona a imaginação de Bashevis Singer é justamente a maneira como o relacionamento entre as suas personagens revela a mecânica que o autor emprega em suas criações, ao fazer uso do folclore e de elementos fantásticos para ressaltar a importância de reconhecermos que, por mais que tentemos nos convencer do

²⁶ SINGER, 2004b, p. 343.



contrário, a fronteira entre a razão e a emoção – ou seja, o irracional – permanece impossível de ser determinada com clareza. Pois somos inclinados à mentira e à autossugestão e, por isso mesmo, os nossos demônios, ao exemplo de Hurmizah, permanecem humanos, demasiadamente humanos.

Da discussão do demônio enquanto personagem do conto em análise, concluímos a favor das teses de Gottesman e Stromberg de que o demoníaco em Singer nada mais seria do que uma representação de questões humanas de difícil articulação seja para o indivíduo, seja para a comunidade a que ele pertence.

O demoníaco, portanto, reflete, ao mesmo tempo, os mecanismos de controle social que interferem na realização da felicidade individual, bem como as estratégias de defesa arquitetadas pelo indivíduo na tentativa de atuar sobre os seus impulsos e atingir a fruição dos seus mais íntimos desejos, ao exemplo do que ocorre em “Taibele e o seu demônio.”

Isto, por sua vez, chama atenção para como a mentira e a autossugestão ajudam-nos a suportar as mazelas da vida.²⁷ Aqui vale a pena ressaltar que as personagens de Singer são em sua maioria homens e mulheres, como Taibele e Alchonon, que sofreram perdas, conviveram com o preconceito e vivenciaram tragédias.²⁸ O que, por sua vez, faz com que eles optem por acreditar no fantástico e, no mais das vezes, tornem-se espontaneamente reféns de crenças e fantasias.

A capacidade de Singer criar personagens por meio dos quais a relação do ser humano com a mentira é abordada, faz com que pensemos em seu diálogo com a filosofia e,

²⁷ A autossugestão com relação à possibilidade de eventos sobrenaturais é tematizada em outros textos de Singer, ao exemplo do romance *Shadows in the Hudson* (1957) e do conto “The séance” ([1968] 2004b). Neste, o narrador faz o seguinte comentário sobre o personagem Dr. Kalisher, cuja família havia sido assassinada em campo de concentração: “For Dr. Kalisher it was all one big joke; but if one lived in a bug-ridden room and had a stomach spoiled by cafeteria food, if one was in one’s sixties and completely without family, one became tolerant of all kinds of crackpots.” (p. 538)

²⁸ A moderna literatura iídiche produzida por escritores como Sholem Aleichem, I. L. Peretz e S. An-sky é caracterizada por uma redobrada atenção aos dramas vividos por gente humilde. Essa característica também se reflete na obra de Singer, principalmente em contos como “Gimpel, the fool” (1957 [2004b]). Em Singer, no entanto, a condição de humildade é universalizada, pois, independente da fama ou da riqueza, estamos todos à mercê de forças estranhas a interferir em nosso destino. É, nesse sentido, que, em seu discurso de recebimento do Prêmio Nobel, ele assevera: “In a figurative way, Yiddish is the wise and humble language of us all, the idiom of frightened and hopeful Humanity.”



principalmente, com o pensamento de Friedrich Nietzsche, a quem ele se refere em algumas das suas entrevistas.²⁹

Em vários momentos da sua obra, ao exemplo do que ele escreve em “Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral” (1873), Nietzsche aborda a relação entre a verdade e o artifício na experiência humana:

Como um meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças de dissimulação [...]. O que sabe o homem, de fato, sobre si mesmo! Seria ele sequer capaz, em algum momento, de perceber-se inteiramente, como se estivesse numa iluminada cabine de vidro?

De modo semelhante, Singer aborda a questão do conhecimento enquanto busca da verdade em contos como “A Crown of Feathers” (1970), ao concluir que: “If there is such a thing as truth it is as intricate as a crown of feathers.”³⁰ Essa mesma imagem também vale para ilustrar a intrincada relação de ambivalência que Taibele e Alchonon desenvolvem com a verdade.

3 O demônio enquanto narrador: “The last demon”

Há, no entanto, uma sutil diferença em como Singer aborda o demoníaco com relação aos seus personagens e aos seus narradores. No primeiro caso, podemos alegar que a principal função do demoníaco é metafórica e que a existência do sobrenatural nunca é realmente certa, pois as ambivalências que os textos revelam sobre o comportamento das suas personagens quase sempre deixam a entrever uma tensão íntima e produtiva entre ceticismo e autoengano. Já no caso da narração, quando temos um demônio contador de histórias, essa tensão se desfaz, e o demoníaco se impõe enquanto uma realidade indiscutível.

Isto é o que acontece, por exemplo, no texto de “The Last Demon”, em que o narrador se apresenta como sendo o último demônio de origem judia a viver no sótão de uma casa abandonada no *shtetl* de Tishevitz, onde ele se alimenta das letras hebraicas de um livro de histórias em ídiche, remanescente de um período anterior ao Holocausto:

I, a demon, bear witness that there no more other demons left. Why demons, when man himself is a demon? Why persuade to evil someone who is already convinced? I am the last of the persuaders. I board in an attic in Tishevitz and draw my sustenance from a Yiddish storybook, a leftover from the days before the great catastrophe. The stories in the book are pablum

²⁹ Em entrevista de 1969 para Cyrena N. Pondrom, Singer comenta das leituras que costumava fazer aos vinte anos quando deixou o ambiente religioso da casa dos pais: “Then I read Kant and Schopenhauer and Nietzsche and David Hume, whom I admire very much.” (p. 349)

³⁰ SINGER, 2004a, p. 296.



and duck milk, but the Hebrew letters have a weight of their own. I don't have to tell you that I am a Jew. What else, a gentile? I've heard that there are gentile demons, but I don't know any, nor do I wish to know them. Jacob and Esau don't become in-laws."³¹

Uma das coisas que emprestam realidade ao demônio da história é justamente a maneira como Singer aparenta explorar as semelhanças entre a situação do narrador e o drama do escritor de língua ídiche após o Holocausto.

Já no parágrafo que abre o conto, além de encontrarmos informações sobre o pertencimento cultural do narrador ("I don't have to tell you that I am a Jew"), sobre a sua função social ("I am the last of the persuaders") e sobre a sua atual situação de vida ("I board in na attic in Tishevitz"), somos imediatamente apresentados à sua complexa relação com a literatura ídiche.

Para Avirom Noversztern, tanto o escritor ídiche como o demônio da história são figuras que vivem da linguagem e da persuasão. Ambos se colocam em oposição ao judaísmo tradicional e tentam convencer os membros das suas comunidades a fazerem o mesmo.

Em condições normais, ou seja, dentro de um universo judaico, como o *shtetl* de Tshevitz, o demônio tenta convencer o judeu de que ele não precisa seguir a Torá, enquanto o escritor ídiche procura fazer com que o seu leitor adote valores seculares. Mas, com o Holocausto e, conseqüentemente, com a destruição da vida judaica no leste europeu, tanto o demônio, como o escritor ídiche passam a se sentir condenados à irrelevância:

They both see themselves as the last remnant of a world that is no more, continuing to exist under radically altered circumstances in a universe that for them has become an apocalyptic wilderness. Totally isolated in his attic, the demon is the last representative of a race of 'Jewish demons' [...] Like a Yiddish author who writes literature that draws its inspiration from the memories of the past, from memories, this narrator-demon draws his sustenance not from 'life' but from 'literature', from novels that have been miraculously preserved from the pre-Holocaust era.³²

Aqui, no entanto, surge um problema. Segundo Noversztern, embora a analogia entre o demônio e o escritor ídiche seja produtiva, existe algo no conto de Singer que faz com que o seu narrador acabe se distanciando da tradicional figura do idichista. Pois,

³¹ SINGER, 2004b, p. 429.

³² NOVERSZTERN, 2021, p. 50.



ainda que esse escritor tente recriar em seus textos um universo eminentemente judaico, ele jamais conseguirá se livrar do impulso de secularização que deu origem à literatura ídiche moderna:

“The content of modern Yiddish literature is unquestionably beyond the pale of Jewish tradition. Nevertheless, the literature is written in Hebrew letters. These letters are the last remnant of holiness to survive in the demon’s world after the Holocaust.”³³

Se por um lado, o demônio depende do texto em ídiche para manter-se vivo (“[...] [I] draw my sustenance from a Yiddish storybook [...]”), por outro, ele se posiciona criticamente com relação à literatura ídiche moderna (“The stories in the book are pablum and duck milk [...]”), reconhecendo apenas o valor das letras do alfabeto hebraico (“[...] the Hebrew letters have a weight of their own”).

O último demônio de Tshevitiz reconhece o valor das letras hebraicas porque ele está mais próximo da tradição do que a própria literatura ídiche moderna. Afinal, para o demônio, tanto ele, como o mundo foram criados conforme os ensinamentos do *Sefer Yetzirah*, ou seja, a partir de uma combinação das letras do alfabeto hebraico:

Twenty-two Foundation letters:

He engraved them, He carved them,
He permuted them, He weighted them,
He transformed them,

And with them, He depicted all that was formed
and all that would be formed.³⁴

O apego do demônio à tradição judaica é evidenciado em uma das cenas do conto, quando ele tenta convencer o rabino de Tshevitiz a abandonar o estudo da Torá (“There is a time when the service of God requires the neglect of Torah.”).³⁵

Em sua tentativa de persuasão, o demônio apela para a história de Abraham Zalman, empenhando-se em fazer o rabino acreditar que ele também havia sido ordenado a preparar a chegada do messias. Mas, quando o rabino percebe que está prestes a ser enganado, ele afugenta o pobre diabo com uma cópia do *Sefer Yetzirah*, ao que o narrador comenta: “What devil can withstand the *Book of Creation*? I run from the rabbi’s study with my spirit in pieces.”³⁶

A relação do demônio com o *Sefer Yetzirah* é interessante porque ela acaba determinando o andamento do próprio conto que a todo tempo chama a atenção do leitor para o poder do alfabeto hebraico e, encerra, justamente, com uma recitação das

³³ NOVERSZTERN, 2021, p. 52.

³⁴ KAPLAN, 1997, p. 100.

³⁵ SINGER, 2004b, p. 434.

³⁶ SINGER, 2004b, p. 437.



letras desse mesmo alfabeto, em uma desesperada tentativa de fazer com que as suas letras perdurem, pois ele sabe que a sua existência depende única e exclusivamente delas:

“When the last letter is gone,
the last of the demons is done.”³⁷

Igualmente, será o apego do demônio à tradição judaica que irá determinar a sua crítica à literatura ídiche. Nisto, embora ele se distancie do estereótipo do idichista, a sua crítica acaba por se assemelhar àquela feita por Singer em palestras e entrevistas, de que um escritor precisa ter raízes, de nada adiantando escrever sobre aquilo que desconhece ou que jamais fez parte do seu cotidiano.³⁸

Há, portanto, certa afinidade entre o autor, Isaac Bashevis Singer, e o seu narrador sobrenatural, como se o próprio Singer também fosse portador de características demoníacas.³⁹

Segundo David Stromberg, a escrita de Singer seria a expressão de uma tradição mística que visa aproveitar-se do mal para praticar o bem: “[...] like an exorcising *ba'al shem*, Singer used the *Sitra ahra* against itself, undertaking the mystical enterprise of portraying a dark image of the world in literature in order to remind us that the world can also be full of light.”⁴⁰

Neste sentido, pode-se dizer que, enquanto reflexo do autor, o último demônio propõe que o escritor de língua ídiche abandone os clichés sobre a vida judaica, o *schmaltz*, e passe a emprestar nova vida à tradição por intermédio de um paciente exercício de crítica imanente, evitando fazer uso daquilo que lhe não é próprio. O que, por sua vez, remete-nos à reflexão de Julian Levinson sobre o papel do contador de histórias na elaboração de uma espécie de contra-etnografia:

Rather than crystalizing some aspect of the culture, the story becomes an antithetical force, an interrogation of the psychic lives of readers and hence of the professed values of a culture [...] No longer tied to a specific view of what constitutes (or should constitute) Jewish culture, the storyteller demands only that readers recognize themselves, perhaps that they confess or repent or purge themselves of some idealization [...] Here the point of the story is often to deprive the reader of some pious

³⁷ SINGER, 2004b, p. 438.

³⁸ Cf. “Yiddish and Jewishness”. In: STROMBERG, David (ed.). *Old Truths and New Clichés*. Princeton, EUA: Princeton University Press, 2022. p. 129-144.

³⁹ STROMBERG, 2020, p. 94.

⁴⁰ STROMBERG, 2020, p. 127.



self-fantasy – in other words, you are not who you imagine yourself to be.⁴¹

Assim, tanto em “O último demônio”, como em outros contos de Singer em que o demônio cumpre o papel de narrador, ao exemplo de “A destruição de Kreshev”, a sua função é justamente a de fazer com que o leitor passe a refletir sobre a vida judaica de modo não estereotipado, a permitir com que ele volte a se situar e a pensar no seu papel enquanto agente de uma tradição que se mantém relevante graças ao caráter mefistofélico da atividade crítica.

Conclusão

Neste artigo foram analisados dois contos de Isaac Bashevis Singer com o objetivo de pensarmos sobre as várias funções que o demoníaco e o sobrenatural possuem na obra do autor. Em ambos os contos, percebemos que, em Singer, o demoníaco e o sobrenatural transcendem os limites do meramente folclórico ou memorialístico, permitindo-nos, entre outras coisas, uma reflexão sobre a psicologia das emoções – ao exemplo do que ocorre em “Taibele e o seu demônio” –, e sobre o papel do escritor de língua ídiche em um mundo marcado pela tragédia do Holocausto, como se verifica em “O último demônio.”

A partir do exame de como Singer emprega temas do folclore judaico em sua obra, vislumbramos o que há de moderno em sua escrita, passando a entender o autor como alguém que se posiciona de modo profundamente crítico e, por isso mesmo, criativo, em relação à sua própria tradição.

Referências

ALTER, Robert. *Canon & Creativity: Modern Writing and the Authority of Scripture*. New Haven, EUA: Yale University Press, 2000.

BUBER, Martin. *The Legend of the Baal Shem*, New York, EUA: Routledge, 2002.

FAIERSTEIN, Morris M. The Dybbuk in the Mayse Bukh. *Shofar*, [S.I.], [S.I.], v. 1, n. 30, p. 94-103, 2011.

GOTTESMAN, Itzik. Folk and Folklore in the Work of Bashevis. In: Wolitz, Seth L. (ed.). *The Hidden Isaac Bashevis Singer*. New York, USA: University of Texas Press, 2021, p. 162-172.

JOSEPHUS, Flavius. *Jewish antiquities: books V-VIII*. Tradução de H. ST. J. Thackeray e Ralph Marcus. Londres: William Heinemann LTD/Cambridge: Harvard University Press, 1950.

KAPLAN, Aryeh. *Sefer Yetzirah: The Book of Creation (Revised Edition)*. Boston, EUA: Weiser Books, 1997.

⁴¹ LEVINSON, 2018, p. 296.



KATZ, Eli. Isaac Bashevis Singer and the Classical Tiddish Tradition. In: ALLENTUCK, Marcia (ed.). *The Achievement of Isaac Bashevis Singer*. Carbondale, USA: Southern Illinois University Press, 1969. p. 14-25.

KRESH, Paul. *Isaac Bashevis Singer: The Magician of West 86th Street*. New York, EUA: The Dial Press, 1979.

LEVINSON, Julian. Subjects in Question: Jewish Storytelling as Counterethnography. *Prooftexts*, [S.I.], [S.I.], v. 3, n. 36, p. 286-306, 2018.

NOVERSZTERN, Avirom. History, Messianism, and Apocalypse in Bashevis's Work. In: Wolitz, Seth L. (ed.). *The Hidden Isaac Bashevis Singer*. New York, USA: University of Texas Press, 2021. p. 28-61.

SCHOLEM, Gershom. *Major trends of Jewish mysticism*. New York, EUA: Schocken Books, 1995.

SINGER, I. B.; PONDROM, C. N. Isaac Bashevis Singer: An Interview, Part II. *Contemporary Literature*, [S.I.], [S.I.], v. 3, n. 10, p. 332-351, 1969.

SINGER, I. B.; BURGIN, R. *Conversations with Isaac Bashevis Singer*. New York, EUA: Farrar, Straus, and Giroux, 1985.

SINGER, I. B., FARRELL, G. *Isaac Bashevis Singer conversations*. Mississippi, EUA: University Press of Mississippi, 1992.

SINGER, I. B. *My Father's Court*. New York, EUA: Farrar, Straus, and Giroux, 1966.

SINGER, I. B. A Crown of Feathers. In: SINGER, I. B. *Collected Stories: A Friend of Kafka to Passions*. Ed. Ilan Stavans. New York, EUA: Library of America, 2004a. p. 273-296.

SINGER, I. B. Taibele and Her Demon. In: SINGER, I. B. *Collected Stories: Gimpel the Fool to Letter Writer*. Ed. Ilan Stavans. New York, EUA: Library of America, 2004b. p.333-343.

SINGER, I. B. The Last Demon. In: SINGER, I. B. *Collected Stories: Gimpel the Fool to Letter Writer*. Ilan Stavans (ed.). New York, EUA: Library of America, 2004b. p. 429-438.

SINGER, I. B. The Séance. In: SINGER, I. B. *Collected Stories: Gimpel the Fool to Letter Writer*. Ilan Stavans (ed.). New York, EUA: Library of America, 2004b. p. 535-545.

SINGER, I. B. Yiddish and Jewishness. In: SINGER, I. B. *Old Truths and New Clichés*. David Stromberg (ed.). Princeton, EUA: Princeton University Press, 2022. p. 129-144.

STROMBERG, David. The Exorcist: The Mystical Storytelling of Isaac Bashevis Singer. *Prooftexts*, [S. I.], [S. I.], v. 1, n. 38, p. 94-138, 2020.

TRACHTENBERG, Joshua. *Jewish Magic and Superstition: A Study in Folk Religion*. New York, EUA: Behrman's Jewish Book House, 1939.



WEISSMAN, Susan. *Final Judgment and the Dead in Medieval Jewish Thought*. Liverpool, England: Liverpool University Press, 2020.

Recebido em: 23/07/2022.

Aprovado em: 28/08/2022.